

## WORLD LITERATURE HOJE: POR UMA ÉTICA DA HOSPITALIDADE

Larissa Moreira Fidalgo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as implicações éticas e políticas do retorno do conceito de *world literature* nos estudos literários. Acreditamos que a *world literature* deve corresponder a um *ethos* de acolhida da alteridade, uma negociação entre o familiar e o estrangeiro, no sentido em que Jacques Derrida (2003) usa a ideia de hospitalidade para falar sobre o reconhecimento do Outro dentro de uma relação interativa e transversal constituída por diferentes possibilidades de trocas.

**Palavras-chave:** *World literature*; transnacional; hospitalidade.

### WORLD LITERATURE TODAY: ON THE ETHICS OF HOSPITALITY

**ABSTRACT:** The present work aims to reflect on the ethical and political implications of the return of the concept of world literature in literary studies. Rather than just a set of texts from distinct literary systems - or that circulate beyond their national borders, we believe that world literature should correspond to an ethos of acceptance of otherness, a negotiation between the family member and the foreigner, in the sense that Jacques Derrida (2003) uses the idea of "hospitality" to talk about the recognition of the Other within an interactive and transversal relationship.

**Keywords:** World literature; transnational;hospitality.

Considerando que toda teorização constitui-se como um modo de ser histórico, uma reescrita, em que aparecem relações entre as formações discursivas e domínios não discursivos, o estudo que desenvolveremos caracteriza-se, sobretudo, como um posicionamento sobre o que significa fazer um estudo comparado num cenário marcado pela reemergência da *world literature* dentro dos processos de transnacionalização da cultura e da literatura. Com o advento da globalização e com a intensificação dos intercâmbios culturais, torna-se fundamental recontextualizar o potencial semiótico da literatura ao produzir sentidos em diferentes contextos históricos. Se as teorias também viajam, como diria Edward Said (2000), podemos dizer, então, que o pensamento em torno da *world literature* precisa ser constituído como viagens teóricas cuja rota de navegação não será mais traçada em torno da oposição entre transnacionalidade e nacionalidade ou entre nacionalismo e globalização, mas sim em termos de uma planetaridade

compartilhada, como bem definiu Gayatri Spivak (2003), isto é, uma negociação entre o familiar e o não familiar. Trata-se, sobretudo, de olharmos com desconfiança para o mundo que é representado por essa disciplina, questionando o modo como tal re-a-presentation é construída. Afinal, no atual contexto de rearticulação das histórias literárias dos Estados-nação e, conseqüentemente, de revisão crítica dos mapas ideológicos que marcaram a construção das cartografias literárias dentro, como um texto se insere efetivamente no contexto da *world literature*? Como podemos caracterizar as relações estabelecidas entre os trabalhos da *world literature* e as literaturas nacionais, que continuam em voga mesmo depois de Goethe ter anunciado sua obsolescência? Estaríamos negociando um novo espaço de legitimação ou apenas identificando algumas das funções de uma economia textual existente em certos *corpora* literários? Se para Jacques Rancière (2009) há na base da política uma estética primeira, poderíamos inverter sua pressuposição e dizer que na base de toda estética há uma política primeira que não pode ser negligenciada. Isso significa dizer que no *mundo* da *world literature* não é apenas o corpo social que fala, mas o próprio discurso literário que, enquanto ser-histórico se constrói, reconstrói e nessa dinâmica ergue presente e futuro, retrazendo seu passado por uma dinâmica ininterrupta.

Contudo, como bem observou Emily Apter (2013, local do Kindle: 3402-3406),

*World Literature paradigms in general, either reinforces old national, regional, and ethnic literary alignments or projects a denationalized planetary screen that ignores the deep structures of national belonging and economic interest contouring the international culture industry. World Literature remains oblivious to the systematic critique of globalized literary studies [...].*

Direcionando nossa atenção para a *Longman Anthology of World Literature* e para a *Norton Anthology of World Literature*, tomadas como ponto de partida de nossas indagações, vemos como ambas ainda descrevem um sistema desigual de legitimação e de configuração estética calcado numa divisão eurocêntrica entre o “dentro” e o “fora”. Desse modo, assim como o literário desvela-se no caráter arbitrário de sua relação com o “mundo público”, nossa perspectiva responderá a uma conjuntura específica dos estudos de *world literature*. Embora levemos em consideração o panorama dos estudos norte-americanos sobre essa questão, nossa abordagem não se alinhará completamente a ele por algumas razões. Afinal, considerando que todo discurso carrega consigo as marcas de seu lócus de enunciação, buscaremos analisar de que modo a proposta de David Damrosch (2003) acerca da *world literature* – ainda que não nos

limitaremos a ela – pode nos levar a caminhos um tanto tortuosos ao situá-la no contexto latino-americano<sup>2</sup>.

Primeiro, pensemos na já conhecida dificuldade que enfrentamos na definição do que poderia ser a literatura latino-americana. Fora do ambiente acadêmico, esse rótulo é utilizado, na maioria das vezes, para fazer referência à literatura hispano-americana, ficando a produção do Brasil praticamente ausente desse quadro. Entretanto, basta lembrarmos da literatura “chicana”, das produções em língua francesa do Caribe e do Canadá e da literatura “indígena”, para ficarmos com poucos exemplos. Se indagássemos qual espaço foi reservado para tais produções literárias, provavelmente receberíamos inúmeras respostas ainda situadas na ideia de limite – fixo e, portanto, totalizante.

A segunda observação é o resultado de uma análise quantitativa. Consideremos as duas principais antologias de *world literature*, a *Longman Anthology of World Literature*, publicada em 2004 e editada por Damrosch, e a *Norton Anthology of World Literature*. Ao listarmos os escritores da “literatura latino-americana” que compõem tais volumes, obtivemos os seguintes dados: na *Longman*, apenas quinze nomes conseguiram entrar para o seleto rol da *world literature*, tais como Jorge Luis Borges, Octavio Paz, Alejo Carpentier, Pablo Neruda, Gabriel García Márquez, Domingo Sarmiento, Esteban Echeverría, Rubén Darío, Julio Cortázar, César Vallejo, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Derek Walcott; na *Norton*, tivemos Machado de Assis, Clarice Lispector, Aimé Césaire e Derek Walcott. Indo um pouco além, é interessante recuperarmos o prefácio do *Instructor’s manual to accompany The Longman Anthology of World Literature*<sup>3</sup> (2009), escrito por Damrosch e disponível *online*:

*A distinctive feature of our Anthology is the grouping of works in Perspectives section, and as Resonances between texts. Together, these groupings are intended both to set works in cultural context and to link them across time and space. These groupings have a strategic pedagogical function as well. We have observed that in other anthologies, brief author listings rarely seem to get taught. Added with the laudable goal of increasing an anthology’s range and inclusiveness, the new materials too often get lost in the shuffle. Our groupings of works cluster shorter selections in ways that make them more likely to be taught, creating a critical mass of readings around a compelling literary or social issue and economically providing cultural context for the major works around them (DAMROSCH, 2009, pp. xi-xii).*

---

<sup>2</sup> Cf. Tânia Carvalhal. *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Ed. da Unisinos, 1996.

<sup>3</sup> Disponível em: [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/7082/7252683/LAWL\\_V1\\_IM.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/7082/7252683/LAWL_V1_IM.pdf)  
Acesso em: 22/10/2019.

Nessa lógica hierarquizante de “Ressonances between texts” ou de “fontes e influências”, o que vimos foi basicamente Aimé Césaire como parte de uma *resonance* de Shakespeare. Na *Norton*, por outro lado, a maioria do material relacionado à América Hispânica encontra-se agrupada em subseções como “The encounter of Europe and the New Word” ou “Church, and Self”. Assim, mergulhando no cenário contemporâneo marcado por intensos debates em torno do multiculturalismo e da globalização gostaremos de pensar sobre como podemos interpretar essas escolhas e abordagens? Talvez Edward Said já tenha nos oferecido um possível ângulo de observação, quando disse que:

os discursos universalizantes da Europa e Estados Unidos modernos, sem nenhuma exceção significativa, pressupõem o silêncio, voluntário ou não, do mundo não europeu. Há incorporação; há inclusão; há domínio direto; há coerção. Mas muito raramente admite-se que o povo colonizado deve ser ouvido e suas ideias conhecidas (Said, 2005, p. 86).

Indo além, se a tradução também é uma forma de assegurar um horizonte mais amplo de recepção dos sujeitos que habitam espaços “marginais”, “*rather a zone of critical engagement that connects the “l” and the “n” of transLation and transNation*” (APTER, 2006, p. 5), a existência de políticas de controle de circulação, aquilo que Apter (2013) chama de “fronteiras soberanas”, também nos coloca diante de desafios sobre as políticas da tradução e da não tradução. Afinal, o que acontece nesses espaços onde não é apenas a língua que está sendo julgada, silenciada e questionada? Quando esses espaços de soberania são deslocados de seu contexto mais específico (aeroportos, alfândegas) e passam a habitar entre os objetos artísticos, essa relação de sujeição e dominação não apenas se torna ainda mais evidente, mas também se configura como uma possibilidade de desconstrução a partir de “dentro”<sup>4</sup>. Diferentemente de um suposto transnacionalismo marcado pela disseminação de códigos circulando livremente através das fronteiras territoriais de soberania, o que vemos é um espaço de (in)diferenciação cultural que, exibindo uma lógica estrutural circular, autorreferencial e autoverificável, reforça o pensamento da totalidade.

É dentro desse quadro representativo que a proposta de abordagem de David Damrosch (2003), para quem a *world literature* pode ser considerada como uma janela que nos possibilita ver as mais diversas paisagens literárias disponíveis, encontra seus limites e alcances. Considerando que escrever um texto a partir de outro texto de outra língua implica negociar

---

<sup>4</sup> Emily Apter define a desconstrução pela tradução como “quality of militant semiotic intransigence attached to the Untranslatable” (APTER, 2013, local do Kindle: 642).

efeitos de sentidos entre dois universos discursivos, numa espécie de campo de força entre o Mesmo e o Outro, o resultado de uma excelente tradução seria, para Damrosch (2003), a entrega de uma escrita que ganha em “equilíbrio”, em que as perdas estilísticas serão compensadas por uma expansão em profundidade à medida que aumenta seu alcance (DAMROSCH, 2003, p. 289). Assim, se na esteira de George Steiner (2005), toda tradução é também um ato interpretativo e, por sua vez, toda interpretação é um processo de agenciamento de afetos, poderíamos supor que tais “ganhos” na tradução seriam inerentes a toda e qualquer escrita literária. Mas não é isso o que acontece. Para Damrosch, há trabalhos que são inextricavelmente conectados a sua língua e seu momento de origem que não podem ser efetivamente traduzidos e, conseqüentemente, recebidos produtivamente em outro contexto cultural. Ao nível prático, temos que as obras que não são traduzíveis sem perda substancial permaneceriam, em grande medida, dentro de seu contexto nacional, nunca alcançando uma vida efetiva como literatura mundial (DAMROSCH, 2003, p. 289). Essa linha de argumentação acerca dos “ganhos em tradução” é percorrida extensivamente por Damrosch. Entretanto, ao longo de nossas (re)leituras, não encontramos uma definição coerente e precisa do que esteja aí implícito. Ao dizer que as “perdas estilísticas” durante o processo de tradução podem ser compensadas “por uma extensão em profundidade”, Damrosch nos leva ao entendimento de que os textos traduzidos ganham leitores e são interpretados de novas maneiras, fora de seu contexto de enunciação. É interessante observarmos que ao considerarmos esse “ganho” uma característica imanente a qualquer obra literária, traduzida ou não, começaremos a questionar a aplicabilidade dessa ideia para a definição do campo conceitual de *world literature*.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a noção de traduzibilidade também ocupa um lugar central na teorização da literatura mundial. Enquanto expressão de funcionamento de um texto como elemento cultural dentro de outro plano de expressão, é a traduzibilidade que nos permite distinguir obras de alcance intimamente universal das obras mais enraizadas em uma dimensão local. Embora esse caminho não seja tão simples como Damrosch (2003) faz parecer, vale ressaltarmos que, segundo ele, esse ideal de circulação, de “perdas e ganhos”, não está associado às questões como a de valor literário e estético. Afinal, um trabalho pode ocupar um lugar proeminente dentro de seu espaço de origem, mas ser lido de forma reducionista no seu novo contexto de recepção por não conseguir romper as barreiras das diferenças culturais.

Para Damrosch (2003), a teorização sobre tal dinâmica implica, antes de mais nada, a consideração de dois aspectos fundamentais, que serão a base a partir da qual os pilares da (sua) *world literature* serão erigidos. Segundo o professor e pesquisador, esse conjunto de forças é

resultado de um duplo processo: primeiro, um texto precisa ser lido como literatura<sup>5</sup>; em segundo lugar, ele precisa circular em um mundo linguístico e cultural além do seu ponto de origem. Nessas condições de mobilidade, que são constituídas por interpretações simbólicas mediadas pelo paradigma da globalização e do cosmopolitismo – e de seus sistemas de trocas e transferências desiguais –, observamos que a participação de uma obra na esfera da *world literature* será determinada pelo seu deslocamento ao longo de um ponto limiar ao outro dentro de um dos seguintes eixos: literário ou o mundano. Como sugerido por Damrosch (2003, p. 6),

*Over the centuries, an unusually shifty work can come in and out of the sphere of world literature several different times; and any given point, a work may function as world literature for some readers but not others, and for some kinds of reading but not others.*

Como essas viagens são, portanto, condicionadas historicamente, as sempre novas relações que as obras estabelecem com o mundo ao seu redor (leitor, crítica etc.) não serão determinadas pelo desdobramento de alguma lógica interna em si, mas surgem através das complexas dinâmicas de contestação e revisão cultural. É interessante ressaltarmos que, embora tais observações de Damrosch indiquem um posicionamento teórico-crítico consciente da historicidade dos critérios utilizados na definição das ideias de valor estético, ao longo das páginas de *What is world literature?* (DAMROSCH, 2003) vemos que essa teorização ainda carrega uma noção de comunidade literária – e cultural, conseqüentemente – hierarquicamente organizada, especialmente no que tange aos apontamentos sobre a formação/dissolução das configurações canônicas: “*very few works secure a quick and permanent place in the limited company of perenial world masterpieces; most works shift around over time, even moving into and out of the category of ‘the masterpiece’*” (Ibid., p. 6). Ou ainda,

*“major canonical masterpieces are worthy of sustained attention both aesthetic and for cultural reasons, but they persist so strongly, after all, not because they float forever in some eternal realm but because they adapt so effectively to the changing needs of different times and places, and the transformation now occurring in the shape of world literature is having a major impact on the ways we read even the greatest of great books (...) this is not to say that works must always and only be read as documents of a specific*

---

<sup>5</sup> Em *How to read world literature* (DAMROSCH, 2009) e *What is world literature?* (Id. 2003), Damrosch observa que um dos grandes desafios que se impõem em toda tentativa de restrição do significado do objeto literário é justamente a própria mutabilidade desse conceito: “*literature has expanded even beyond its root sense of ‘written with letters’ to include oral compositions by illiterate poets*” (Id. 2009, p. 7). Uma vez que as atuais antologias incluem textos filosóficos e religiosos, escritas autobiográficas, além de prosa e poemas ficcionais, Damrosch sugere que consideremos “literatura” como um modo de leitura, esclarecendo que a sua própria prática é aquela que leva em consideração as belezas da linguagem literária, sua forma, e seus temas.

*time and place. Great works of literature do have a transcendent quality that enables them to reach across time and space and speak directly to us today” (Ibid., 135).*

Embora a pertinência da ideia de nação seja hoje bastante questionada no âmbito do comparatismo literário<sup>6</sup>, até mesmo trabalhos mais antigos foram produzidos em determinadas configurações a partir das quais eles são preservados e transmitidos. Compreendendo o termo “nacional” como referência a um determinado conjunto étnico, observamos que os objetos literários nunca se dissociam das marcas de seu lócus de enunciação, ainda que tais traços se tornem cada vez mais refratados à medida que interagem com outros espaços. Por conseguinte, uma vez que os textos passam a integrar o rol da literatura mundial quando são recebidos em novos contextos geográficos, históricos e culturais, podemos dizer que os raios dessa refração não apontam para uma única direção, mas para uma variedade de “*networks of transmission and reception, engaging differently with works from each world*” (DAMROSCH, 2003, p. 13). É a partir dessa relação que o professor da Universidade de Harvard recupera a imagem da refração elíptica como uma conveniente metáfora para pensarmos esse processo de circulação de ideias e conceitos entre culturas distintas:

*World literature is thus always as much about the host culture’s values and needs as it is about a work’s source culture; hence it is a double refraction one that can be described through the figure of ellipse, with the source and host cultures providing the two foci that generate the elliptical space within which a work lives as world literature, connected to both cultures, circumscribed by neither alone (DAMROSCH, 2003, p. 283).*

Corroborando a perspectiva de Theodor Adorno (2008), para quem a tarefa da crítica é realizar reflexões de maior alcance e profundidade, tal definição de Damrosch encerra algumas contradições. Levando em consideração que as experiências compartilhadas se manifestam na narração da nação, não seria legítimo dizer que todo e qualquer objeto literário constitui-se como um espaço de “negociação” entre culturas? Além disso, como bem observou Eduardo Coutinho (1999, p. 51),

a ‘literatura nacional’ nunca constituirá um conceito homogêneo, mas, ao contrário, será sempre uma construção em aberto, com facetas múltiplas e

<sup>6</sup> Para o estudo dessa questão, sugerimos as seguintes obras:

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

HOBSBAWM, E. J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

RENAN, Ernest. *Qu'est-ce qu'une nation?* Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/viewFile/381/334>. Acesso em 02/03/2018.

diversas, variando de acordo com as necessidades de afirmação e autodefinição de cada momento.

Desse modo, caso optemos pela metáfora da “refração elíptica”, veremos, corroborando a perspectiva de Djelal Kadir (KADIR, 2004, p. 2), que pelo fato da figura geométrica da elipse ser desenhada com um compasso, “*the inevitable issue is the locus where the fixed foot of the compass that describes the globalizing circumscription is place*” (KADIR, 2004, p. 2). Ao invés de uma forma “*of detached engagement with worlds beyond our own place and time*” (DAMROSCH, 2003, p. 281), institui-se uma divisão radical entre o “dentro” e o “fora”. Em outras palavras, diferentemente de um suposto transnacionalismo marcado pela disseminação de códigos, gêneros, estilos e ideias circulando livremente através das fronteiras territoriais de soberania, o que vemos é um espaço de (in) diferenciação cultural que, exibindo uma lógica estrutural circular, autorreferencial e autoverificável, reforça o pensamento da totalidade. Afinal, como pontuou Damrosch (2003), a cultura receptora pode fazer uso do material externo de diversas maneiras: como um modelo positivo para o desenvolvimento futuro de sua própria tradição; como um caso negativo de uma vertente primitiva que deve ser evitada ou erradicada; ou, de forma mais neutra, como uma imagem de alteridade radical contra a qual a tradição doméstica pode ser mais claramente definida.

É interessante pontuarmos que tal cenário também se repete dentro dos próprios sistemas literários. Como destaca Emily Apter (2013), as literaturas europeias carregam o prestígio da cultura impressa (acentuada por uma reivindicação especial do romance moderno), enquanto as literaturas não europeias, sujeitas a padrões eurocêntricos de literariedade e legibilidade que as classificam como mais próximas do folclore e da cultura oral, tendem a ocupar um lugar mais tênue na literatura mundial. Inegavelmente, as nações que nomeiam o léxico crítico são aquelas que dominam a classificação dos gêneros na história literária. Nessa perspectiva, vemos que até mesmo importantes paradigmas das humanidades em termos comparativos (tragédia, realismo, modernismo e pós-modernismo) adquirem peso hegemônico por meio da tradução internacional e, mesmo quando são críticos em relação ao que representam, incorporam imaginários nacionais que se impõem ao mundo.

É observando esse cenário que Apter (2013) questiona os estudos de grande ambição que tentam curricularizar os diferentes espaços culturais e literários, como o volume “ricamente sintético” *The Routledge Companion to World Literature* (D'HAEN, 2012), cujo alcance programático abrange “*the disciplinary relationship of World Literature to areas such as philology, translation, globalization and diaspora studies*” (D'HAEN, 2012, local do Kindle: 242-245). Embora tais termos tragam alguma medida de especificidade para designações



globais, a autora defende que eles não conseguem responder totalmente aos desafios de estabelecer um estudo de literatura comparada geopoliticamente sensível o suficiente para evitar reproduzir cartografias neoimperialistas. A *world literature* se comportaria, portanto, como

*the blue-chip moniker, benefiting from its pedigreed association with Goethean Weltliteratur. World Literature evokes the great comparatist tradition of encyclopedic mastery and scholarly ecumenicalism. It is a kind of big tent model of literary comparatism that, in promoting an ethic of liberal inclusiveness or the formal structures of cultural similitude, often has the collateral effect of blunting political critique* (2008, p. 582)

Nesse viés, o catálogo da história literária passa a ser redesenhado dentro um quadro muito restrito e reducionista do seu próprio objeto de estudo. De um lado, obras que alcançam voos mais curtos, do outro, um vasto aglomerado denominado *world literature*. Buscando analisar esses casos, Apter (2013) nos mostra que de um modo geral podemos identificar dois paradigmas que têm influência sobre a maioria dos relatos contemporâneos acerca da relação entre história literária e comunidade política: de um lado, o paradigma do "*possessive collectivism*"<sup>7</sup> – que aponta para uma arena da teoria da tradução que se concentra em como as comunidades tratam a linguagem como uma forma de propriedade cultural exclusiva que lhes dá o direito de impor o monolinguismo; do outro, o das "comunidades imaginadas", conforme já introduzido por Benedict Anderson<sup>8</sup>. E é justamente a configuração do *possessive collectivism* dentro da *world literature* que interessa à autora. Segundo Apter, os textos celebrados por retratar a pátria, o contexto, o cenário e os hábitos de pertencimento cultural são especialmente vulneráveis às acusações de traição cultural e perda de autenticidade quando são transportados para o cânone de *Weltliteratur*. Levando em consideração que para Damrosch (2003) a literatura mundial deve ser estudada com base no horizonte de circulação das obras, bem como naquilo que ele chama de "*detached engagement of the reader*", poderíamos dizer que os "valores de autenticidade", o realismo tribal e a recepção nativista estariam em desacordo com tais princípios cosmopolitas da literatura mundial. Na contramão de Damrosch

<sup>7</sup> É interessante observarmos o posicionamento de Rebecca L. Walkowitz diante dessa questão. Para a autora, "*Among minorities and colonized subjects, possessive collectivism has had the positive effect of validating intellectual labor and justifying political sovereignty. For our purposes, new literary history possessive collectivism is notable because it helps to explain why emphasizing the original production of artworks tends to affirm national literary histories: original art and original nations grow up together*". Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fe2f/c1ebba599b462a5036fafbf6ba0ef832b64e.pdf>. Acesso em: 19/04/2018.

<sup>8</sup> Cf. ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

(2003), para quem a métrica da circulação é determinada pelas compensações tradutórias das diferenças culturais, Apter (2013) nos mostra que o plurilinguismo pode e deve ser aceito como um ato de resistência à ideia de uma universalidade que apenas dissimula a pertença de determinados grupos a espaços distintos em uma rede global homogeneizante.

Assim como não há “*singular ‘world’ per se but only a changing assemblage of localities that coalesce into globalities of many kinds, each situated by the transverse networks of languages, region, area, and moment that simultaneously shape a single text and like other*” (COOPPAN, 2012, local do Kindle: 5371), podemos dizer que não existe *world literature* fora da Literatura Comparada. Longe de ser apenas um conjunto de textos provenientes de sistemas literários distintos, ou que circulam para além das suas fronteiras nacionais, acreditamos que a *world literature* deve corresponder a um *ethos* de acolhida da alteridade, no sentido em que Jacques Derrida (2003) usa a ideia de “hospitalidade”<sup>9</sup> para falar sobre o reconhecimento do Outro dentro de uma relação interativa.

E é justamente nas implicações éticas e políticas desse processo de “abertura” para o mundo que reside nossa proposta de estudo da *world literature*. Ao invés de ser apenas um conjunto de textos provenientes de sistemas literários distintos – ou que circulam para além das suas fronteiras nacionais –, acreditamos que a *world literature* deve corresponder a um *ethos* de acolhida da alteridade, uma negociação entre o familiar e o estrangeiro, no sentido em que Jacques Derrida (2003) usa a ideia de “hospitalidade” para falar sobre o reconhecimento do Outro dentro de uma relação interativa e transversal.

Falar da hospitalidade é falar antes de tudo falar do estrangeiro. “A questão do estrangeiro” Derrida (2003, p. 5) é uma questão que nos obriga a designar um conceito, a definir quem seja o estrangeiro. Isto é, a pensá-lo como um ser-em-questão. Além disso, o estrangeiro é também aquele que desconhece as leis e a língua e, por isso, não compartilha os códigos previamente estabelecidos. Por fim, o recém-chegado traz consigo uma questão que, ao ser colocada, ameaça a autoridade daquele que o recebe, o logos que conduziria o pensamento à verdade. O estrangeiro é, portanto, um parricida que questiona o valor da *arkê* e “que dispõe a temida questão” (DERRIDA, 2003, p. 11).

É interessante percebermos que não é necessário ser estrangeiro para questionar a ordem, o parricida também é aquele se comporta como estrangeiro. Ao recuperar os diálogos de Platão, em *O Político*, Derrida nos faz ver que Sócrates desempenha o papel de estrangeiro

---

<sup>9</sup> Neste trabalho, buscaremos observar a ideia de “hospitalidade” para falarmos sobre as dinâmicas textuais entre textos oriundos de diferentes sistemas.

que não é ao declarar, no Tribunal, que era alheio àquele tipo de discurso: “ele não sabe falar essa linguagem de pretória (...) ele não tem a técnica, ele é como um estrangeiro” (DERRIDA, 2003, p. 15). Essa primeira passagem do texto de Derrida é bastante significativa para pensarmos a relação entre os sistemas literários abordados pela *world literature*. Uma vez que a relação entre os textos se dá através do questionamento de uma ordem estética logocêntrica, a crítica que chega não deve reduzir as obras à clausura da origem. Diante da perda de centro estável e das referências intertextuais agora ligeiramente borradas, as obras devem ser compreendidas a partir da multiplicidade de conceitos que evocam. Se o estrangeiro, ao direcionar sua atenção para o hóspede também oferece uma possibilidade de compreensão do outro pelo outro, aquilo que antes fazia parte da especificidade de cada texto isoladamente agora se impõe como marcas de legibilidade:

*To become readable it has to be divided, to participate and belong. Then, it is divided and takes its part in the genre, the type, the context, meaning, etc. It loses itself to offer itself. Singularity is never one-off [ponctuelle], never closed like a point or a first [poing]. It is a mark [trait], a differential mark and different from itself: different with itself. Singularity differs from itself, it is differed [se diffère] so as to be what it is and to be repeated in its very singularity (DERRIDA, 1992, p. 68).*

Retrocedendo à cena do Tribunal, observamos que o “estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever da hospitalidade”. A questão da hospitalidade não se relaciona apenas à possibilidade de coabitar o mesmo espaço, mas de se comunicar efetivamente em uma determinada língua. O acolhimento pressupõe que o estrangeiro se comunique na língua do espaço no qual está inserido. Entretanto, como questionado por Derrida (2003), em tal exigência não haveria um ato de violência? E caso o estrangeiro já compartilhasse a mesma língua, continuaria sendo ele um sujeito à margem da esfera social e política? Além da língua enquanto traço determinante para a livre circulação do *ksénos*, Derrida destaca que o direito à hospitalidade só é oferecido àqueles que possuem um nome, um estatuto social: “esse estrangeiro que tem direito à hospitalidade na tradição cosmopolítica (...), então, é alguém que, para que seja recebido, começa-se por querer saber seu nome; ele é levado a declinar e garantir sua identidade” (p. 25).

A experiência do luto, diretamente relacionada aos dois parágrafos anteriores, também tem papel importante para a definição do estrangeiro. Para Derrida (2003, p. 79), “a questão do estrangeiro concerne o que se passa da morte e quando o viajor repousa em terra estrangeira”. As pessoas “deslocadas”, os exilados, os desenraizados carregam em comum duas “nostalgias”. A primeira é o desejo de regressar aos lugares onde estão enterrados seus mortos, lugar de imobilidade a partir do qual se mede todas as viagens e os distanciamentos. A segunda é o

reconhecimento da língua dita materna, como sua última pátria, última morada. Se a língua é a primeira e última condição de pertencimento, ela é também a experiência da expropriação. Nas palavras de Derrida, “a tal língua maternal, não seria ela uma espécie de segunda pele que carregamos, um *chez-soi* móvel? Mas também um lar inamovível, já que se desloca conosco?” (DERRIDA, 2003, p. 81). Dentro da *world literature*, a experiência de luto pela qual passa o estrangeiro –, para nós, os textos literários que circulam para além de suas fronteiras nacionais – nos serve de base para pensarmos, por fim, a categoria do “nacional” em tais estudos. Ao compreendermos o termo “nacional” como referência a um determinado conjunto étnico, observarmos que os objetos literários nunca se dissociam das marcas de seu lócus de enunciação, ainda que tais traços se tornem cada vez mais refratados à medida que interagem com outros espaços.

Nesse sentido, considerando que o regresso ao passado somente é assegurado pelos rastros da escrita e que a língua dos textos sofre constantes modificações conforme eles alcançam novos espaços, podemos dizer que abordar comparativamente os textos da *world literature* é, antes de tudo, estabelecer um jogo conceitual que elimine a ideia de “origem” e que se estabeleça historicamente. Da mesma forma que o estrangeiro observa de longe o lugar de imobilidade em que estão “enterrados seus mortos”, e aqui pensamos no “Anjo da História”, de Walter Benjamin (2011), ler *world literature* é ler anacronicamente. Ao invés de buscar um sentido único e duradouramente possível, é fazer

com que cada movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito “presente”, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que aquilo que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presente modificados (DERRIDA, 1991, p. 45).

Desse modo, vemos que a relação que deve ser estabelecida entre os textos da *world literature* é, antes de mais nada, aquela que envolve a suspensão de dualismos hierárquicos e descentralização das ideologias tradicionais da noção de sujeito e que abre, portanto, a possibilidade de uma ética da leitura que desafia os condicionamentos que cercam a relação do leitor com a ideia de propriedade textual/cultural. Se toda teorização encontra-se intimamente vinculada ao espaço no qual emerge, as intensas trocas culturais e literárias no chamado modernismo global conclamam, por fim, por uma atitude de revisão crítica acerca dos modos

de pertença não exclusivos, por constantes diálogos entre diferentes espaços históricos e culturais.

Uma vez que a relação entre os textos se dá através do questionamento de uma ordem estética logocêntrica, a crítica que chega não deve reduzir as obras à clausura da origem. Diante da perda de centro estável e das referências intertextuais agora ligeiramente borradas, as obras devem ser compreendidas a partir da multiplicidade de conceitos que evocam. Se o estrangeiro, ao direcionar sua atenção para o hóspede, também oferece uma possibilidade de compreensão do outro pelo outro, aquilo que antes fazia parte da especificidade de cada texto isoladamente agora se impõe como marca de legibilidade:

*To become readable it has to be divided, to participate and belong. Then, it is divided and takes its part in the genre, the type, the context, meaning, etc. It loses itself to offer itself. Singularity is never one-off [ponctuelle], never closed like a point or a fist [poing]. It is a mark [trait], a differential mark and different from itself: different with itself. Singularity differs from itself, it is differed [se diffère] so as to be what it is and to be repeated in its very singularity (DERRIDA, 1992, p. 68).*

Considerando que o regresso ao passado somente é assegurado pelos rastros da escrita e que a língua dos textos sofre constantes modificações conforme eles alcançam novos espaços, abordar comparativamente os textos da *world literature* é, antes de tudo, estabelecer um jogo conceitual que elimine a ideia de “origem” absoluta e que se estabeleça historicamente. Da mesma forma que o estrangeiro observa de longe o lugar de imobilidade em que estão “enterrados seus mortos”, e aqui pensamos no Anjo da História de Walter Benjamin (2011), acreditamos que ler *world literature* é ler anacronicamente. Ao invés de buscar um sentido único e duradouramente possível, é fazer com que

cada movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito ‘presente’, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que aquilo que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presente modificados (DERRIDA, 1991, p. 45)

Desse modo, gostaremos de encerrar esses breves apontamentos, sem deixar de apontar para futuros trabalhos, dizendo que a relação que deve ser estabelecida entre os textos

da *world literature* é antes de mais nada aquela que envolve a suspensão de dualismos hierárquicos e descentralização das ideologias tradicionais da noção de sujeito.

## REFERÊNCIAS

APTER, Emily. *Against world literature: On the politics of untranslatability*. Verso, 2013. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. *The translation zone. A new comparative literature*. New Jersey: Princeton University Press, 2006. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. “Untranslatables: a world system”. *New Literary History*, Vol. 39, N. 3, Summer 2008, pp. 581-598.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

COOPAN, Vilashini. “World literature between history and theory”. In. *The Routledge Companion to World Literature*. New York: Routledge, 2012. Edição do Kindle.

DAMROSCH, David. *What is world literature?* New Jersey: Princeton University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. *How to read world literature*. UK: Wiley-Blackwell, 2009.

\_\_\_\_\_. “General Editor’s Preface”. In: *Instructor’s Manual to accompany The Longman Anthology of World Literature*. Second edition. online.

DERRIDA, Jacques. *Acts of literature*. New York and London: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

\_\_\_\_\_. *Margens da filosofia*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

D’HAEN, Theo; DAMROSCH, David; KADIR, Djelal. *The Routledge Companion to World Literature*. New York: Routledge, 2012. Edição do Kindle.

JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Traveling Theory*. In: *The Edward Said Reader*. New York: Vintage Books, 2000.

SPIVAK, Gayatri. *Death of a discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.

---

Enviado em: 20/11/19.

Aceito em: 16/12/19.